VIDA DIGITAL

Sérgio Amadeu, 44 anos, sociólogo e professor universitário

GOVERNO: "Havia dois problemas: a coordenação de projetos e a contenção de recursos para o superávit primário"

WINDOWS: "O mundo da plataforma proprietária cria incompatibilidades para aprisionar os usuários"

WEB: "Temos de deixar a rede aberta para evitar que espíritos totalitários, do Estado ou do mercado, nos dominem"

"Sem verba, não há inclusão digital"

Para defensor do software livre, problema não está na falta de iniciativas no País, mas em concentrar recursos

Maurício Moraes e Silva

A vida do sociólogo e professor universitário Sérgio Amadeu cabe dentro de um notebook movido a software livre. Tanto que ele simplesmente dispensa outros aparelhos eletrônicos e concentra todas as suas tarefas no equipamento. Lê e-mails, acessa a internet, escreve textos, organiza compromissos, ouve MP3 e assiste a DVDs em aplicativos de código aberto – sem desembolsar um centavo com programas fabricados por multinacionais ou com pirataria.

Quem acha o Linux complicado se surpreende com esse dia a dia. Não há nada que Amadeu não consiga fazer com o micro. Por essas e outras, ele não sente a menor saudade dos tempos em que usava o Windows e outros softwares da Microsoft. "O mundo da plataforma proprietária busca criar incompatibilidades para deixar o usuário aprisionado à sua solução, enquanto no do software livre procuram-se a comunicabilidade e a interoperabilidade."

Para o sociólogo, essa característica – aliada ao baixo custo e à grande estabilidade do sistema – faz do Linux uma alternativa que deve ser adotada em um ritmo cada vez maior por países como o Brasil. "Eu me bati muito por isso", diz Amadeu, que do início do governo Lula até o meio deste ano foi presidente do Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI), entidade ligada ao governo federal que coordena o Comitê Técnico de Implementação do Software Livre.

De acordo com ele, hoje apenas a Alemanha tem tantos projetos em execução para a adoção de programas de código aberto como o País. Ainda assim, Amadeu sempre achou que o Brasil poderia avançar num ritmo muito mais rápido tanto nesse campo como no da inclusão digital. Como isso não ocorria, decidiu deixar o governo. "Para a coisa andar, precisava mostrar que existiam problemas", destaca. As dificuldades, segundo o sociólogo, tornaram-se maiores desde o início da crise política e uma série de iniciativas acabou paralisada.

Mas os entraves para ampliar a inclusão digital começaram antes disso. "Foram dois os problemas", diz. "A coordenação de projetos e a política de contenção de recursos para gerar superávit primário, que congelou o Fust (*Fundo para Universalização dos Serviços de Telecomunicações*). É muito grave."

"Se um problema tem gravidade social, requer política pública"

O dinheiro, recolhido das operadoras de telefonia móvel e fixa desde 2001, já soma US$ 3,8 bilhões sem ter sido usado. "Acho que, no próximo governo, será inevitável. A sociedade vai exigir de qualquer candidato a presidente o compromisso de liberar o Fust para duas coisas: para as áreas mais carentes, colocando telecentros, e para a conexão de escolas."

Embora ainda existam percalços, Amadeu está otimista. "A inclusão digital entrou na lógica do gestor público, seja ele de que partido for. Isso é fundamental", acredita. Como exemplo, ele cita a existência de inúmeros projetos não apenas no Estado de São Paulo como em diferentes pontos do País. "O salto de qualidade vem nos próximos dois anos. A quantidade de iniciativas não é pequena. O que precisa é concentrar esforços e recursos."

Falta também acabar com uma doutrina presente dentro da administração pública. Segundo Amadeu, persiste a idéia de que quem tem de fazer a inclusão digital é o mercado. "Toda vez que se vai fazer um programa desse tipo vem um ministro e te pergunta: 'Como será a sustentabilidade?' Daí eu digo que é o Estado que vai sustentar e ele responde: 'Mas o Estado não tem dinheiro para isso.' Assim não vai ter inclusão digital. Mas isso está mudando."

De acordo com o sociólogo, as pessoas que vão ao bairro de Cidade Tiradentes, no extremo leste da capital paulista, sabem que lá não existe escola particular ou lan houses porque as pessoas não têm renda. Isso não quer dizer, no entanto, que esses moradores não precisem de ambas as coisas. "Se nós temos de inserir uma população carente que não tem acesso à comunicação mediada por computador, como vamos fazer? Cobrando?", questiona. "Se o problema tem gravidade social, requer política pública." ●

VIDAL CAVALCANTE/AE

DE OLHO NO LINUX - Amadeu afirma que só a Alemanha empata com o Brasil em projetos de software livre

"Quem controla a web pode monitorar tudo"

Segundo Amadeu, tecnologia exige vigilância constante

Até meados dos anos 90, Sérgio Amadeu não se diferenciava de um usuário médio de computadores. Utilizava o sistema operacional Windows e se sentava na frente do micro para fazer tarefas simples, como escrever textos. Então a web chegou ao Brasil. O sociólogo logo se tornou assinante da Mandic BBS e começou a se interessar pelo funcionamento da rede mundial de computadores. "Na época, a gente mandava e-mail e demorava um dia para chegar", lembra. "Mesmo assim, era mais rápido do que o correio normal."

Naqueles anos, Amadeu dava aulas de Novas Tecnologias e Macroeconomia na Faculdade Cásper Líbero. "Aí, decidi fazer mestrado e estudar se a internet tinha ou não possibilidade de controle", explica. A discussão mal existia no Brasil, mas já pegava fogo nos Estados Unidos. "Dizia-se que a internet era incontrolável e que, por ser transnacional, estava dissolvendo as fronteiras entre os países." Ao pesquisar melhor, Amadeu viu que não era bem assim.

Como a rede é feita a partir de uma infra-estrutura física e de um conjunto de protocolos, quem tiver ambas as coisas sob seu poder consegue controlar os fluxos de informação. "Não estou dizendo que façam isso, mas é uma questão de poder fazer", esclarece. "Se você altera a forma como as redes se comunicam, pode colocar exigências nos protocolos que retirem a privacidade e o anonimato. Há uma necessidade de vigilância."

O estudo mostrou a Amadeu que o domínio da rede não pode se resumir a uma discussão sobre aspectos técnicos – uma das principais justificativas usadas pelos Estados Unidos para não ceder o gerenciamento da web para a comunidade internacional. "As tecnologias são ambíguas", destaca o sociólogo. "Elas podem ser reconfiguradas para o bem e para o mal, para garantir maior abertura ou maior controle."

Discussão jamais pode se reduzir aos aspectos técnicos, diz o sociólogo

Por outro lado, a internet abre possibilidades para pessoas do mundo todo entrarem em contato entre si ou ter acesso ao conhecimento. "Existe essa disputa", diz. Para ele, a Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação, que ocorreu na Tunísia este ano, representou uma vitória nessa queda-de-braço ao criar o Fórum sobre Governança da Internet. "Temos de deixar a rede aberta para que os espíritos totalitários, seja do Estado ou do mercado, não venham nos dominar."

Do lado dos países, Amadeu sabe que há nações cujo único interesse está em colocar filtros e monitorar o acesso da população. Do lado das empresas, a tecnologia pode gerar informações que beneficiem alguns grupos. Basta, por exemplo, vincular o CPF de uma pessoa com o que ela compra online para saber em detalhe seus hábitos de consumo. "Ou a gente faz de conta que isso não ocorre ou estabelece um controle público para garantir a privacidade."

Nesse sentido, só há segurança quando se sabe o que existe por trás de cada programa ou site. "A era da informação nada mais é do que a era da hipercomunicação: dos protocolos, dos códigos, dos softwares. Isso permite que eu me comunique com a máquina, com meus arquivos, com outras pessoas. Eu tenho de saber se algo está me limitando e de que jeito." E, para ele, esse conhecimento existe apenas no mundo do software livre.

Defensor incondicional do Linux, Amadeu chegou a ser intimado judicialmente pela Microsoft a dar explicações sobre uma entrevista. Na época, ele havia dito que a multinacional adotava "política de traficante" ao doar seus softwares para projetos de inclusão digital. "Isso gerou uma rebelião positiva", lembra. "Acredito que eles estejam mudando. Esse fundamentalismo proprietário é insustentável. A maior enciclopédia do mundo hoje já é uma enciclopédia livre." ● M.M.S.